

Sammy

Insultos da semana 17 JUL 1988

JORNAL DO BRASIL

Wilson Figueiredo

Em política — disse e repetiu o presidente Sarney na entrevista a Villas-Bôas Corrêa, pela televisão —, lida-se com realidades. Assim mesmo, no plural, como quem está acostumado a trabalhar no atacado. Disse e sorriu para sentir o efeito. Quase estalou a língua, para degustar uma explicação definitiva, com sabor de produto importado.

Da segunda vez, aliás, o presidente enriqueceu o significado: “Como em tudo na vida.” O sorriso de satisfação foi um cumprimento feito às realidades mas com o nosso chapéu, pois os cidadãos também lidam com elas.

O Brasil em que o presidente localiza as suas melhores realidades não tem correspondido ao bem que ele pontualmente diz do seu governo às sextas-feiras. Diz também o que pensa a nosso respeito, sem fazer cerimônia, mas não gosta de ouvir o que pensamos dele.

O presidente parecia tocado de uma graça infinita quando, em abono do seu sentimento democrático, deu o exemplo a seu favor: os líderes do partido do governo pensam, falam e agem como opositores. Lidando com realidades, Sarney credenciou os seus próprios líderes. Entendeu que o PMDB é neófito em matéria de governismo e ainda tem certo constrangimento, embora não se inclua aí o exercício das vantagens do poder.

Ele, sim, é que tem sido governo há muito tempo. E não demonstra o menor constrangimento, apesar da falta de compreensão a que não se acostumou. Explica-se a sede de popularidade que não se permitia no período autoritário. Afinal, a política trabalha com realidades, e o regime militar era realidade.

O presidente não poupa elogios ao seu comportamento democrático, mas em compensação não reconhece sequer uma falha na primeira pessoa do singular: são todas dos seus ministros. É duro também lidar por dentro com realidades. Ministros são auxiliares, e não heterônimos presidenciais.

O mal-estar que os brasileiros sentem é uma realidade a que Sarney recusa um simples cumprimento de cabeça. Gosta de apertar as mãos aos otimistas, mas não tem a menor consideração pelos pessimistas que se afligem pela nova República velha. É uma pena que as realidades com que lida diariamente não lhe deixem tempo para acompanhar as novidades. Não seria tão enfático pelo rádio às sextas-feiras se, lidando com livros que acabam de sair, lesse — sem se sentir insultado — que “nenhum homem acredita pamente em nenhum outro homem”.

O livro dos insultos não personaliza, mas a sua generalidade universal encerra dessas realidades que os governantes preferem ignorar. H. L. Mencken (1880-1956) não deixa por menos nesta época de inflação: “É difícil acreditar que um homem esteja dizendo a verdade quando você sabe muito bem que mentiria se estivesse no lugar dele.”

Ponha-se o presidente no nosso lugar, para conferir as diferenças entre o Brasil radiofônico das sextas-feiras e o da semana inteira. A questão da desconfiança é que os cidadãos não estão no lugar do presidente e, portanto, não precisam mentir. Permitem-se a verdade, que para qualquer governo é luxo. Ouvir inverdades não contribui para melhorar a situação, ainda que uma vez por semana. Outra de Mencken: “A democracia dá uma certa aparência de verdade objetiva e demonstrável” ao que em seu nome seja dito. Inclusive às imposturas.

Por mais enfático que o presidente tenha sido em negar a possibilidade de congelar preços e salários, as realidades serão encarregadas de apresentar as desculpas quando o fizer. Na contabilidade política vale o dito pelo não dito. A razão técnica dará a tônica moral: não se anunciam congelamentos de preços, para evitar aumentos antecipados. Em política, como em economia (pelo menos), lida-se com realidades — e não com verdades.

Sarney conseguiu, lidando com realidades políticas, tudo a que tinha direito e até mais. Só lhe falta a popularidade, que bateu asas e nunca mais voltou. Não vai desistir mais adiante apenas porque deu em garantia a sua palavra numa entrevista pela televisão.

Sarney é um otimista de quatro costados, sujeito embora a fisgadas de pessimismo. Otimismo é fé que, na definição de Mencken, é “crença ilógica na ocorrência improvável”. Provavelmente faria bem ao presidente correr os olhos pelos insultos do livro. Mal não lhe faria. Mais que provável, é certo que Sarney no devido tempo cuidará da realidade dos preços porque já demonstrou fé no congelamento e desconfiança nas eleições. “O homem de fé é aquele que simplesmente perdeu (ou nunca teve) a capacidade para o pensamento claro e realista.” Além do mais, “incurável porque o desapontamento, sendo essencialmente objetivo, não consegue afetar uma enfermidade subjetiva”.

Certa inclinação presidencial para se sentir perseguido é capaz de induzir Sarney a incluir Mencken no rol dos negativistas que ele exclui de qualquer consideração. Seria uma pena. O presidente pode, longe do rádio e da televisão, experimentar os insultos em si, para verificar quais lhe assentam melhor. Algum há de servir num intervalo dessa vida com realidades tão inacessíveis aos princípios. Ele aprenderia a se conhecer falível.

Os mais impessoais insultos de Mencken também são proveitosos: “O governo ideal (...) é aquele que deixa o indivíduo em paz — um governo que praticamente passe despercebido.” Aliviaria as sextas-feiras dele e as nossas. A CPI do Senado vai recomeçar o garimpo da corrupção e, embora do outro lado das realidades, o presidente poderá entender melhor o que o atrevido americano exprimiu pelos que se encontram do lado de cá: “Todo governo é composto de vagabundos que, por acidente jurídico, adquirem o duvidoso direito de embolsarem uma parte dos ganhos dos seus semelhantes.”